

TRADUZIR PALAVRAS, APROXIMAR CULTURAS: O ENSINO DA INTERPRETAÇÃO DE ACOMPANHAMENTO NO ISCAP

Alberto Couto

Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Porto

acouto@iscap.ipp.pt

Graça Chorão

Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Porto

gchorao@iscap.ipp.pt

Sara Pascoal

Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Porto

spascoal@iscap.ipp.pt

Portugal

Resumo

Numa sociedade onde as correntes migrações desenham um novo contexto de sociabilização e onde a globalização conduz ao aumento incomensurável das reuniões interculturais, é fulcral recentrar a importância do ensino da interpretação dita de comunidade.

A inauguração do Mestrado em Tradução e Interpretação Especializadas, no ano lectivo de 2007/2008, no Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Porto, reformulado a partir da Licenciatura Bi-Etápica homónima, veio apresentar um desenho dos curricula em Interpretação cujo entendimento é mais pragmático. Assim sendo, à tradicional divisão entre Interpretação Simultânea e Interpretação Consecutiva sucedeu a introdução das unidades curriculares de Interpretação de Conferência, Interpretação Remota e de Teleconferência e de Interpretação de Acompanhamento.

Este estudo pretende apresentar e discutir as diferentes abordagens pedagógicas ensaiadas no decorrer da implementação da unidade curricular de Interpretação de Acompanhamento, sustentadas por uma reflexão de cariz científico-pedagógico, filtrada pelas tendências de investigação mais recentes nesta área.

Adoptámos a designação de *Interpretação de Acompanhamento* para descrever uma situação comunicativa que decorre em contextos variados e heterogéneos, em detrimento de outras designações de abrangência mais restrita, como *Interpretação de Liaison* – que remete para um acompanhamento em contexto de negócios ou de visita cultural ou turística – e *Interpretação de Comunidade* – reportando-se à mediação linguística de alguém que não fala a linguagem da maioria, normalmente no âmbito judicial, social, ou de saúde.

Concentraremos, por conseguinte, a nossa atenção nas questões que se seguem: Que estratégias pedagógicas melhor se adaptam ao ensino desta disciplina? Como reproduzir a heterogeneidade dos contextos comunicativos que a Interpretação de Acompanhamento envolve numa sala de aula? Que ponderação deve assumir o desempenho linguístico em comparação com as competências de mediação intercultural? Como integrar, na prática, conceitos e teorias no domínio da Interpretação de Acompanhamento?

Abstract

In a society where the migration paths design a new socialization context and where globalization leads to an unfathomable rise of the intercultural meetings, it's important to refocus the importance of community interpreting training.

The release of the Master's in Specialized Translation and Interpreting in 2007/2008 at the **Institute of Accounting and Administration of Oporto, based on the homonymous five-year degree, presented a curricula design in Interpreting with a far more pragmatic understanding.** Thus, to the traditional

division between Simultaneous and Consecutive Interpreting succeeded the introduction of the disciplines of Conference Interpreting, Remote and Teleconference Interpreting and Liaison Interpreting.

The purpose of this essay is to present and discuss different pedagogical approaches tried out during the implementation of the discipline of *Liaison Interpreting*, based on a scientific/pedagogic reflection, filtered by the most recent tendencies of investigation in this area.

The designation “Interpretação de Acompanhamento” (*Liaison Interpreting*) was adopted by us to describe a communicative situation which takes place in heterogeneous and diverse contexts, in detriment of other designations of a more restrict sense like *Escort / Ad Hoc Interpreting* – which tend to lead us to a business or cultural or even touristic area of influence – and *Community Interpreting* - reporting to the linguistic mediation of someone that do not speak the language of the majority, usually in a legal, social or health scope.

Therefore, we will be focusing our attention in the following questions: Which pedagogical strategies are best adapted to the teaching of this discipline? How to reproduce the heterogeneity of the communicative contexts that Liaison Interpreting involves inside a class room? In comparison with the intercultural mediation skills, what importance should the linguistic performance assume? How to teach concepts and theories to the Liaison Interpreting area of expertise?

Palavras-Chave: ensino de interpretação, interpretação de acompanhamento, mediação intercultural

Key-words: Interpreter training, Liaison Interpreting, intercultural mediation

1. Introdução

Ao invés de países como os Estados Unidos, a Austrália, o Canadá ou Reino Unido¹, onde tem gozado de prestígio e relevância crescente ao longo dos últimos anos, atraindo a atenção progressiva dos investigadores, em Portugal, não obstante esta tipologia de interpretação prática seja corrente, o ensino e a investigação da chamada interpretação de comunidade mantivera-se, até há bem pouco, descoordenado e sem interesse. Para este efeito, muito contribuiu, por um lado, a atractividade dos dois modos de interpretação de conferência consagrados, o modo simultâneo e o modo consecutivo, que, no nosso país, são os usualmente ensinados nas diversas instituições de ensino superior que se dedicam à formação em interpretação, e, por outro lado, a própria indefinição terminológica da actividade, que persiste em acumular diferentes termos para a designar, tal como indicaram Gentile, Ozolins e Vasilakakos:

Liaison interpreting is the name given to the genre of interpreting where the interpreting is performed in two language directions by the same person. This activity has acquired a number of epithets according to the environment within which it developed and to the political considerations in the parts of the world where it is practised. In the United Kingdom, for example, this form of interpreting is called 'ad hoc' or 'public service' interpreting, in Scandinavia 'contact' interpreting and in Australia 'threecornered' or 'dialogue'

¹ Phelan, Mary (2001), Community Interpreting in Ireland, *Interpreting in the Community : the Complexity of the Profession*, International Conference *Critical Link*, Canada; MERLINI, Raffaella, FAVARON, Roberta, “Community Interpreting: Re-conciliation through power management”, disponível em: <http://www.openstarts.units.it/dspace/bitstream/10077/2485/1/10.pdf> ; a propósito da interpretação de comunidade no Canadá, ver também o relatório preparado pelos consultores Fosburys Experts-Conseil, para a Industry Canada, intitulado *Community Interpreting in Canada*, disponível em http://www.ic.gc.ca/epic/site/lain-inla.nsf/en/h_qs00229e.html

interpreting; the term 'community' interpreting is also used by a number of authors. The term 'liaison interpreting' was coined to distinguish it from 'conference interpreting'. (Gentile, Ozolins and Vasilakakos, 1996: 17)

O termo *liaison*, que optámos por traduzir por *acompanhamento*, é, por conseguinte, usado por estes autores para reunir um conjunto vasto de actividades de tradução oral, que facilitam o acesso a serviços públicos, através da mediação cultural e linguística. Se os autores realçam as diferenças geográficas na definição terminológica, que pode ser *public service interpreting* (UK), *cultural interpreting* (Canada), *liaison interpreting* (Australia), *contact interpreting* (Scandinavia), *dialogue interpreting*, *ad hoc*, *triangle*, *face-to-face*, and *bidirectional* or *bilateral interpreting* (Gentile et al, 1996; Carr, 1997), não podem, porém, deixar de reconhecer uma certa identidade e homogeneidade nas práticas e no escopo das actividades a que esses termos se referem, apontando todos para o carácter de serviço público que assumem cumprir.

Sendo tradicionalmente um país de emigração, Portugal tem vindo, nas últimas décadas, a lidar com novos desafios no que concerne o acolhimento de uma nova força de trabalho, consequência da mobilidade crescente da força de trabalho, no contexto da abertura do mercado na União Europeia. Por outro lado, o reconhecimento acrescido e a aposta no turismo como sector fundamental do desenvolvimento económico português têm desvelado a necessidade de se formar técnicos especializados na actividade de guia-intérprete.

O Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Porto, através do seu Mestrado em Tradução e Interpretação Especializadas, visa responder, se possível antecipando, às necessidades do mercado, ao apresentar um programa de treino em tradução e interpretação que prepare os futuros profissionais para os desafios de um mercado de trabalho aberto e globalizado. Além disso, torna-se vital ponderar as questões éticas da profissão, numa actividade em que frequentemente o recurso a amadores pode condicionar a qualidade do serviço, tal como refere o canadiano Nathan Gerber:

The community interpreter must work in both languages and often must overcome cultural barriers that block communication. Usually, the environment is one of high emotion where misunderstanding will expose the parties to some serious risk. For example, it may result in improper diagnosis, unneeded tests, loss of income, criminal charges being wrongfully laid or the failure to lay criminal charges when warranted. Unfortunately, most community interpreting is done by volunteers, often family members, who have had no training, whose competence is unknown, and who have had no exposure to the ethical issues inherent in this type of interpreting. (Pym, 2003: 42)

A inauguração do Mestrado em Tradução e Interpretação Especializadas, no ano lectivo de 2007/2008, no Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Porto, reformulado a partir da Licenciatura Bi-Etápica homónima, veio apresentar um desenho dos curricula em Interpretação cujo entendimento é mais pragmático. Assim sendo, à tradicional divisão entre Interpretação Simultânea e Interpretação Consecutiva sucedeu a introdução das unidades curriculares de Interpretação de Conferência, Interpretação Remota e de Teleconferência e de Interpretação de Acompanhamento.

Este estudo pretende apresentar e discutir as diferentes abordagens pedagógicas ensaiadas no decorrer da implementação da unidade curricular de Interpretação de Acompanhamento, sustentadas por uma reflexão de cariz científico-pedagógico, filtrada pelas tendências de investigação mais recentes nesta área.

Adoptámos a designação de *Interpretação de Acompanhamento* para descrever uma situação comunicativa que decorre em contextos variados e heterogéneos, em detrimento de outras designações de abrangência mais restrita, como *Interpretação de Liaison* – que remete para um acompanhamento em contexto de negócios ou de

visita cultural ou turística – e *Interpretação de Comunidade* – reportando-se à mediação linguística de alguém que não fala a linguagem da maioria, normalmente no âmbito judicial, social, ou de saúde.

Concentraremos, por conseguinte, a nossa atenção nas questões que se seguem: Que estratégias pedagógicas melhor se adaptam ao ensino desta disciplina? Como reproduzir a heterogeneidade dos contextos comunicativos que a Interpretação de Acompanhamento envolve numa sala de aula? Que ponderação deve assumir o desempenho linguístico em comparação com as competências de mediação intercultural? Como integrar, na prática, conceitos e teorias no domínio da Interpretação de Acompanhamento?

2. Enquadramento Teórico:

Ensinar Interpretação de Acompanhamento num programa de estudos pós-graduados de 2º ciclo, que inclui, no final, a defesa de uma dissertação de Mestrado exige que, para além da prática intensiva da interpretação, com vista a um domínio das técnicas interpretativas, se proceda igualmente à reflexão sobre os fundamentos teóricos que envolvem tais práticas. Referimo-nos, de forma particular, a conceitos de pragmática de comunicação e da importância da mediação intercultural no contexto da Interpretação de Acompanhamento.

A reflexão sobre a Interpretação de Acompanhamento centrou-se, num primeiro momento, na abordagem de conceitos da pragmática da comunicação, de forma a dotar os alunos da aparelhagem teórica necessária para compreender e perspectivar de forma adequada a prática conversacional, de carácter dialógico que envolve este modo específico de mediação linguística.

Dentro das noções de pragmática conversacional, e apesar da análise do discurso conversacional ter sido descurada pela maioria dos estudiosos, dado o seu carácter efémero, fluido, aleatório e, por conseguinte, difícil de sistematizar, os alunos foram alertados para as diversas funcionalidades da conversa. Servindo para

estabelecer e manter vínculos, fundar relações sociais e constituir estatutos sociais, a conversa define ainda a própria identidade.

Não obstante esse carácter fluido aleatório, a prática conversacional é algo a que qualquer ser humano sabe adaptar-se intuitivamente, reconhecendo de forma quase inconsciente como se desenrolam vários tipos de conversa em diversos contextos e situações.

Sugeriu-se, por conseguinte aos alunos que reflectissem sobre a definição adequada de conversa. A definição mais alargada, que defende que conversa são todas as práticas interactivas de discurso, independentemente do conteúdo dos enunciados trocados, da natureza e do número de interlocutores, parecia indiciar criticamente uma definição de prática discursiva. Em contrapartida, uma definição mais restrita de conversa, como a que aponta para a simples troca de enunciados espontâneos entre um número limitado de interlocutores, que incidem sobre assuntos de natureza familiar da vida quotidiana, levantava a crítica sobre a ambiguidade do que seria de âmbito familiar e quotidiano, bem como da especificação do número de participantes. Neste contexto, preferiu-se optar pelas definições de Levinson que defende que a conversa consiste na “maneira predominantemente familiar de fala na qual dois ou mais participantes alternam livremente, que geralmente ocorre fora dos quadros institucionais, tais como, por exemplo, os serviços religiosos, os tribunais, as salas de aula” (Stephen Levinson, *Pragmatics*, 1983) e de Goffman: “palavra trocada, encontro em que se fala” (Erving Goffman, 1992).

Para concluir, a abordagem dos conceitos de análise conversacional, no contexto da unidade curricular de Interpretação de Acompanhamento, centrou-se numa focalização da análise conversacional, distinguindo-a das análises textuais e discursivas que privilegiam abordagens semânticas e sintácticas, para focalizar a atenção naquilo que a análise conversacional destaca, nomeadamente a referência, a interlocução e a relação interactiva. Na análise conversacional, o sentido advém aos enunciados a partir de protocolos negociados pelos próprios interlocutores, de

regularidades mais ou menos rígidas e da gestão do espaço constituído pela relação interlocutiva. Os conceitos de proxémica, as variáveis situacionais, os elementos paralinguísticos, são elementos fundamentais a ter em conta na interpretação de acompanhamento.

Este amplo conhecimento de competências comunicativo-pragmáticas exigidas ao intérprete de acompanhamento deve, no entanto, ser acompanhado por competências culturais bem estruturadas. Efectivamente, com a globalização e o aumento dos fluxos migratórios multiplicou-se a quantidade de encontros e contactos interculturais, nos quais o intérprete participa na qualidade de **mediador linguístico e cultural**. Foi, por conseguinte, um dos objectivos das aulas teóricas da unidade curricular de Interpretação de Acompanhamento demonstrar como a competência e sensibilidade intercultural do intérprete conduzem a um melhor entendimento das partes, recorrendo quer ao visionamento de vídeos, quer a textos teóricos, como o artigo de G. Pistillo, “The interpreter as a cultural mediator”.

Dos muitos factores que afectam o complexo relacionamento entre cultura e comunicação, sobrelevou-se a abordagem das assimetrias entre culturas muito e pouco contextualizadas, os diferentes conceitos de tempo e o uso do silêncio².

Em conclusão, todo o evento que exige a presença de intérprete(s) é, em si próprio, um evento intercultural. Este traduz para pessoas que, falando línguas diferentes, têm um conjunto de valores, normas e hábitos específicos da sua cultura. De todos os modos de interpretação é nesta última que o papel do intérprete como mediador cultural pode assumir a maior latitude e importância para as partes envolvidas no processo de comunicação/negociação.

² Cf. Giovanna Pistillo, “The Interpreter as a cultural mediator”, Journal of Intercultural Communication, nº 6, 2003, disponível em: <http://www.immi.se/intercultural/nr6/pistillo.htm>

3. Competências avaliadas:

Sendo uma actividade tão multifacetada, facilmente se compreenderá a atenção devida no desenho do currículo da disciplina de Interpretação de Acompanhamento. Para o fazermos, apoiámo-nos não só na nossa experiência prévia no desenvolvimento de currículos para a Licenciatura Bi-Étápica em Tradução e Interpretação Especializadas, mas igualmente num documento assinado por Yves Gambier em nome do grupo de especialistas do EMT (European Masters in Translation) e publicado em 2008, sob o título “Compétences pour les traducteurs professionnels, experts en communication multilingue et multimédia”³, e naquelas que são as indicações do Directório Geral de Interpretação da Comissão Europeia num documento intitulado “European Masters in Translation”⁴, datado de 2006, e que serve como referência para o planeamento, avaliação e comparação de currículos programáticos na área da Tradução e Interpretação.

As seis competências descritas por Gambier, a saber, (i) “compétences en matière de prestation du service”, (ii) “compétence linguistique”, (iii) “compétence interculturelle”, (iv) “compétence en matière d’extraction d’information”, (v) “compétence thématique” e (vi) “compétence technologique”, foram, por conseguinte, plasmadas e estruturadas em oito competências requeridas para a unidade curricular de interpretação de acompanhamento:

1. Adquirir fluência e domínio discursivo na língua activa A (português);
2. Consolidar competências comunicativas e de escuta avançadas na língua activa B (Francês/Inglês);
3. Reconhecer os vários tipos e modos de Interpretação de Acompanhamento;

³Disponível em:

http://ec.europa.eu/dgs/translation/external_relations/universities/emt_dgt_emt_expert_group_en.html

⁴Disponível em:

http://ec.europa.eu/dgs/translation/external_relations/universities/master_curriculum_en.pdf

4. Integrar conceitos e teorias do domínio da Interpretação de Acompanhamento;
5. Desenvolver estratégias de trabalho específicas para o exercício da profissão de intérprete no contexto de acompanhamento;
6. Identificar situações e contextos de comunicação para melhor adaptar estratégias comunicativas;
7. Preparar-se autonomamente para sessões de interpretação;
8. Monitorizar o processo e o desempenho, desenvolvendo a capacidade de auto-correcção.

Estas competências envolveram para além do já mencionado quadro teórico de abordagem da actividade de Interpretação de Acompanhamento, à luz dos mais recentes trabalhos de investigação, o treino intensivo para melhorar a prática de interpretação, desenvolvendo e aperfeiçoando estratégias comunicativas, bem como a discussão da necessária profissionalização da actividade de intérprete de acompanhamento, que necessita de um processo complexo de regulamentação e institucionalização, nomeadamente através da criação de um código de ética e de um quadro legal que sustente esta actividade.

Partilhamos, com efeito, das palavras de Teodor Hrehovčík e acreditamos que as recentes transformações do mercado à escala global e correntes migratórias, exigem às instituições de ensino superior, que formam futuros profissionais nas áreas de mediação linguística e intercultural, padrões de ensino de alta qualidade, não podendo deixar de antever os seguintes objectivos:

(1) to ensure a high level of expression accuracy in the interpreter's working languages; (2) to develop awareness of potential cross-cultural differences in specific public services; (3) to develop the relevant skills for consecutive interpreting, including note taking and message retention techniques; and (4) to ensure the candidate's commitment to a professional code of ethics. The overall aim of such training courses would

be to develop community interpreting competence and thus to contribute to its professionalization and to make sure that individuals and organizations providing interpreting services have the appropriate skills and knowledge to provide high quality effective services for their clients. (Teodor Hrehovčík: p.161)

4. Descrição de situações comunicativas:

Dada a relevância que atribuímos à dimensão pragmática na unidade curricular de Interpretação de Acompanhamento, pareceu-nos fundamental, por um lado, desenvolver variadas situações comunicativas e cenários que pudessem ilustrar a diversidade de uma actividade tão multifacetada, para que os alunos desenvolvessem estratégias de trabalho específicas para o exercício da profissão de intérprete no contexto de acompanhamento e, por outro, identificar simultaneamente situações e contextos de comunicação para melhor adaptar estratégias comunicativas. Os cenários foram construídos com base no que a literatura defende para a Interpretação de Comunidade, segundo Teodor Hrehovčík:

The training in the development of the above-mentioned abilities and skills should focus on the specific types of events in which communication takes place. The event is defined by factors such as the physical location, number of participants and type of discourse. These include: medical appointments, press conferences, interviews, live broadcasts, negotiations, meetings and assemblies, presentations, consultations, or community forums. (Teodor Hrehovčík: p.161)

De facto, dividimos as situações comunicativas da Interpretação de Acompanhamento em quatro grandes grupos, distinguindo as situações de

interpretação em contexto turístico, em contexto de negócios, em contexto judicial e em contexto médico.

4.1. Interpretação em contexto turístico

O Turismo é uma actividade em franco crescimento em Portugal. Milhares de pessoas viajam dos quatro cantos do mundo para visitar o nosso país e procuram conhecer a nossa riqueza cultural, o nosso património e a gastronomia. Segundo dados estatísticos do Ministério da Economia, Inovação e Desenvolvimento, apesar de ter registado um recuo, em 2009, Portugal recebeu cerca de 11, 5 milhões de hóspedes, tendo as receitas associadas ao Turismo atingido um valor de **1.588,3 milhões de euros**⁵.

Em Portugal, são diversas as actividades que podemos catalogar dentro dos vários profissionais de informação turística que, de acordo com o Decreto Regulamentar n.º 71-F/79, de 29 de Dezembro, do Ministério do Comércio e do Turismo, são os seguintes: Motorista de turismo, Transferista, Correio de turismo, Guia-Intérprete Nacional e Guia Intérprete Regional.

Muito embora a profissão de Guia Intérprete seja, hoje em dia, uma actividade regulamentada, tendo uma carreira definida e um Sindicato – o SNATTI – há ainda um conjunto de actividades congéneres que, não exigindo carteira profissional, soblevam a importância das capacidades linguísticas e de mediação cultural, associadas, não raras vezes, à promoção comercial e/ou patrimonial. Referimo-nos nomeadamente às actividades de Guia Intérprete nas Caves do Vinho do Porto, ou em monumentos nacionais que, embora consideradas pelo

⁵ Dados do Ministério da Economia da Inovação e do Desenvolvimento: <http://www.turismodeportugal.pt/Portugu%C3%AAs/Proturismo1/estatisticasdoturismo/oturismoemnumeros/Pages/OTurismoemNumeros.aspx>

Sindicato, como simples “cicerones”⁶, devem, pela sua crescente importância, serem alvo de maior e consciente profissionalização e valorização social, como prova uma recente tese de Mestrado apresentada ao Instituto Superior de Contabilidade e Administração por Dina Caetano⁷. Verité Collins designa estes guias por “in-house guides”, definindo-os como sendo aqueles que trabalham em: “stately homes, historic houses castles, cathedrals and important churches, factories open to the public, distilleries, wine houses, farms, galleries and other touristic venues.” (Collins, 2000: 23)⁸

Neste contexto, foram propostos vários tipos de exercícios aos futuros intérpretes, destinados a treinar essencialmente a competência linguística em língua B, já que a grande maioria das situações previa a simulação de trabalho de acompanhamento turístico no próprio país. Para isso, foram utilizados vídeos de promoção turística, que permitiam a realização de exercícios variados desde o simples *shadowing*, a exercícios de tomada de notas, memorização, reformulação ou paráfrase, insistindo nas estratégias fundamentais do ensino da interpretação em modo consecutivo.

Os alunos foram também incentivados a realizar trabalhos individuais de preparação e organização de visitas turísticas guiadas, tendo, numa real visita ao centro da cidade do Porto, escolhido e apresentado alguns dos seus monumentos mais emblemáticos, tais como a Torre dos Clérigos, a Cadeia da Relação, o Palácio da Bolsa, a Igreja de S. Francisco, a Livraria Lello, entre tantos outros.

⁶ Foi esta a definição usada pelo SNATIT, quando perguntámos por que motivo actividades como as de Guia nas Caves do Vinho do Porto ou em monumentos nacionais não exigiam carteira profissional de Guia-Intérprete.

⁷ CAETANO, Dina (2009), *A profissão de Guia-Intérprete nas Caves do Vinho do Porto*, São Mamede Infesta, Tese de Mestrado em Tradução e Interpretação Especializadas.

⁸ Autores de referência reconhecem essas actividades como parte integrante dos serviços dos guias turísticos, como acontece com Zenaida Cruz, que no livro “Principles and Ethics of Tour Guiding” [1999], defende: “*wine distilleries often combine tours of their facilities with wine tasting to encourage visitors to buy their wines. In these cases, the guide serves as a salesperson and a public relations tool*”.

Além disso, realizaram igualmente uma visita de estudo guiada ao Palácio da Bolsa, onde uma das guias que aí trabalha não só lhes apresentou um dos monumentos mais carismáticos da cidade, como teve a oportunidade de explicar as vicissitudes e características da sua profissão.

4.2. Interpretação em contexto de negócios

Sendo o ISCAP uma instituição de ensino superior que forma estudantes nas áreas administrativo-financeiras, o treino da interpretação em contexto de negócios não poderia ser descurado.

A metodologia seguida nas aulas de Interpretação de Acompanhamento teve como objectivo primordial treinar os alunos para analisar as ideias e a informação contidas em diálogos ou discussões de grupo, mediando com sucesso a comunicação entre falantes de línguas diversas, preparando-os simultaneamente para trabalhar como intérpretes bilíngues num contexto de negócios, através do treino de tomada de notas, do aperfeiçoamento das competências culturais e de pesquisa terminológica. As técnicas treinadas especificamente para situações de interpretação de negócios foram a interpretação consecutiva, a interpretação sussurrada (*chuchotage*) e a interpretação via telefone.

Para tal, envolveram-se os alunos no processo de ensino-aprendizagem, pedindo-lhes para simularem reuniões de negócios através da metodologia de *jeu-de-rôles*, onde em trabalho de grupo, desenvolveram situações comunicativas muito variadas. Nestas simulações, os alunos – que alternadamente representavam quer os falantes de duas línguas distintas, quer o intérprete – foram treinando apresentações de fábricas, recepção de clientes e fornecedores, reuniões, conferências de imprensa, feiras e exposições e negociações diversas.

Estas situações de prática intensiva de interpretação foram ainda complementadas com o uso de um software de aprendizagem de línguas para fins específicos - o *Tell Me More* - este caso para um contexto de negócios, em que os

intérpretes em formação podem praticar contextos diversificados de negócios, que das Finanças ao Marketing, passando pela Contabilidade e pela Gestão, foram desenvolvendo competências comunicativas e linguísticas bilíngues, de forma a absorver e transpor o conteúdo de reuniões de negócios, gerindo o processo comunicativo envolvido.

4.3. Interpretação em contexto judicial

O Código de Processo Penal Português, no artigo 92.º n.º 1, exige que a língua a utilizar nos actos processuais, escritos ou orais, seja a língua portuguesa. Todo e qualquer acto que não respeite esta regra é considerado nulo. Ora, quando o arguido ou uma testemunha não são de nacionalidade portuguesa é obrigatório nomear um intérprete, mesmo que a entidade que preside ao acto ou qualquer dos participantes processuais conheçam a língua estrangeira.

Os intérpretes, quando nomeados, são obrigados a colaborar com o Tribunal, obrigação prevista no n.º 1 do artigo 153ª do C.P.P., tendo ainda que prestar Juramento (artigo 91º do C.P.P). Os custos dos serviços de interpretação são totalmente suportados pelo Tribunal. Com base no artigo 153.º n.º 2, os intérpretes poderão pedir escusa com base na falta de condições indispensáveis à realização da tradução, como, por exemplo, falta de conhecimentos especiais ou material próprio para executar o serviço requerido. Este pedido é apreciado pelo Juiz.

Com base na legislação portuguesa e com o aumento de cidadãos estrangeiros em Portugal, julgamos fundamental, como instituição de ensino, dotar os alunos de competências fundamentais para o exercício de interpretação em contexto jurídico, onde nos parecem cruciais (1) estar familiarizado com o sistema legal em que operam, percebendo a importância da linguagem num Tribunal e (2) estar consciente da responsabilidade do seu papel, reconhecendo a importância das questões éticas, neste contexto.

De novo, a prática intensiva de interpretação num contexto judicial fundamentou-se em situações de simulação encenadas pelos próprios alunos, com textos, desta feita fornecidos pelo professor. Utilizaram-se igualmente exercícios de consolidação, nomeadamente recorrendo a gravações e exercícios do Manual da Acebo “*The Interpreter's Edge: Practical Exercises in Court Interpreting*”.

As situações comunicativas que envolvem a interpretação no âmbito judicial podem alternar entre contextos mais formais, como no caso dos tribunais onde pode ser usado quer o modo consecutivo, quer o simultâneo, ou em contextos de menor formalidade, como é o caso de depoimentos em esquadras de polícia ou audiências com advogados, entre outros.

4.4. Interpretação em contexto médico

O recurso a intérpretes profissionais em contexto médico é algo bastante invulgar em Portugal. Os hospitais e os médicos portugueses não têm por hábito solicitar apoio especializado na mediação linguística e cultural com os pacientes. O diagnóstico e consultas são normalmente feitos, quer através do uso de uma língua universal, como o inglês, quer através do recurso a profissionais de saúde ou familiares com conhecimentos linguísticos. Como é óbvio, a ausência de formação especializada não assegura a eficácia, confidencialidade, a precisão e qualidade que devem orientar o serviço de interpretação.

Decidimos, por conseguinte, que um programa completo em Interpretação de Acompanhamento deveria prever igualmente o treino de situações onde os alunos servem de intérpretes em contexto médico, mobilizando todo um conjunto de conhecimentos terminológicos e culturais bilingues. Usámos novamente a técnica de “*jeu-de-rôles*”, tendo os professores de Língua Francesa, Inglesa e Alemã, desempenhado rotativamente os papéis de paciente e médico, enquanto os alunos interpretavam.

O treino da interpretação em contexto médico foi complementado na unidade curricular de Interpretação Remota e de Teleconferência - uma disciplina inédita no panorama do Ensino Superior português⁹ - com a simulação de situações comunicativas num consultório médico, sendo a interpretação efectuada por vídeo-conferência, em modo consecutivo. Adicionava-se, desta forma, à prática da Interpretação de Acompanhamento as diversas contingências que envolvem a mediação tecnológica.

5. Conclusão

O relato pedagógico, que aqui reproduzimos, pretende dar conta do estado do ensino e da prática da profissão de intérprete de acompanhamento que se distingue da interpretação de conferência não só por se realizar em contextos variados, mas igualmente pelo menor grau de formalidade, pelo facto de dispensar qualquer equipamento e por exigir verdadeiras qualidades de mediação social e cultural.

As competências exigidas ao profissional de interpretação não deixam, porém, de ser cada vez maiores, uma vez que Portugal passou de país de emigração a país de acolhimento. O aumento de encontros internacionais, a flexibilização e expansão do mercado do trabalho tornam premente que as instituições de ensino superior respondam de forma eficaz a estes novos desafios, pondo em marcha currículos que prevejam as necessidades do mercado de interpretação.

O objectivo da implementação da unidade curricular de Interpretação de Acompanhamento, no âmbito do programa de estudos de Mestrado em Tradução e Interpretação Especializadas, foi o de desenvolver as competências de um intérprete de comunidade/acompanhamento, assegurando que as empresas que

⁹ Ver FURTADO, Marco Mendes; ALMEIDA, Paula Ramalho; PASCOAL, Sara Cerqueira (2009). "Formar Intérpretes à Distância: O Ensino da Interpretação Remota e de Teleconferência no ISCAP". *Polissema: Revista de Letras do ISCAP*, nº 9.

forneçam serviços linguísticos deste tipo possam recorrer a profissionais devidamente preparados, garantindo a própria profissionalização deste modo de interpretação.

Para atingir tais propósitos acreditamos ser fundamental não só reproduzir a heterogeneidade das situações comunicativas que a Interpretação de Acompanhamento envolve, mas igualmente fornecer aos alunos o contacto com um quadro conceptual e teórico que enquadre a disciplina e lhes facilite a interiorização das questões éticas que lhe são inerentes.

Dado que na Interpretação de Acompanhamento, na grande maioria dos casos, o intérprete trabalha em ambos os sentidos, seria desejável que os alunos que ingressam no Mestrado possuíssem um conhecimento bilingue perfeitamente consolidado. O facto é que isto nem sempre acontece e, a cada ano, os exercícios a aplicar serão adaptados forçosamente às necessidades de aperfeiçoamento linguístico dos alunos.

Por outro lado, julgamos que a aliança entre a teoria e a prática é deveras fundamental e, por isso, nos congratulamos que, embora muito recente, a implementação desta unidade curricular já tenha produzido os seus frutos, nomeadamente através das pesquisas levadas a cabo pelos nossos alunos. É, de facto, de realçar o investimento inédito e inovador dos nossos alunos em pesquisas nestas áreas, que recentemente culminaram com a apresentação da tese “A profissão de Guia-Intérprete nas Caves do Vinho do Porto” por Dina Caetano. Esta tese dá, efectivamente, um contributo para um esboço da situação profissional, da formação e aspirações dos guias-intérpretes que trabalham nas caves do Vinho do Porto, contribuindo, de forma decisiva, para o seu reconhecimento e profissionalização.

São, enfim, pequenos passos para a tão desejada profissionalização, cumprindo aquilo que Mikkelsen prescreve:

A credible certification program should be developed to encourage practitioners to obtain proper training and to instill public trust in the profession. (...) As a result of this process, community interpreting will be a strong and respected profession with a recognized body of knowledge and credentialing process, a financially and intellectually rewarding occupation that will attract the most qualified practitioners. It will not be a smooth or easy process, but it will be well worth the effort. (Mikkelsen, 1996a)

BIBLIOGRAFIA

CAETANO, Dina (2009), *A profissão de Guia-Intérprete nas Caves do Vinho do Porto*, São Mamede Infesta, Tese de Mestrado em Tradução e Interpretação Especializadas.

FURTADO, Marco Mendes; ALMEIDA, Paula Ramalho; PASCOAL, Sara Cerqueira (2009). “Formar Intérpretes à Distância: O Ensino da Interpretação Remota e de Teleconferência no ISCAP”. *Polissema: Revista de Letras do ISCAP*, nº 9.

GENTILE A., OZOLINS U. and VASILAKAKOS, M. (1996): *Liaison Interpreting. A Handbook*, Melbourne, Melbourne University Press.

HALE, Sandra Beatriz, (2004), *The Discourse of court interpreting: discourse practices of the law, the witness and the interpreter*, Amsterdam, John Benjamins

HREHOVČÍK, Teodor “Teaching Community Interpreting: A New Challenge?”, disponível em: www.pulib.sk/elpub2/FF/Ferencik2/pdf_doc/21.pdf

JIANG, Lihua (2007) *From ‘Community Interpreting’ to ‘Discourse Interpreting’: Establishing Some Useful Parameters*. EU-High-Level Scientific Conference Series MuTra 2007 – LSP Translation Scenarios: Conference Proceedings. Disponível em: www.euroconferences.info/proceedings/2007_Proceedings/2007_Jiang_Lihua.pdf

MERLINI, Raffaella, FAVARON, Roberta, "Community Interpreting: Reconciliation through power management", disponível em: <http://www.openstarts.units.it/dspace/bitstream/10077/2485/1/10.pdf>

MIKKELSON, Holly (1996a) "The professionalization of community interpreting", in JÉRÔME O'KEEFFE M. (Ed.). *Global vision: Proceedings of the 37th annual conference of the American Translators Association* (pp. 77-89). Alexandria, VA: American Translators Association.

_____ (1996b) "Community interpreting: An emerging profession", In *Interpreting, International journal of research and practice in interpreting*, 1996, 1(1), pp.125-129.

_____ (1995) *The Interpreter's Edge: Practical Exercises in Court Interpreting* (3rd ed). Spreckels, CA: ACEBO

PHELAN, Mary (2001), "Community Interpreting in Ireland", *Interpreting in the Community: the Complexity of the Profession*, International Conference *Critical Link*, Canada

PISTILLO, Giovanna (2003), "The Interpreter as a cultural mediator", *Journal of Intercultural Communication*, n° 6

PÖCHHACKER, Franz (2001), "Quality Assessment in Conference and Community Interpreting", *Meta: journal des traducteurs / Meta: Translators' Journal*, vol. 46, n° 2, p. 410-425

SERGIO, Francesco Straniero, *Notes on Cultural Mediation*, disponível em www.openstarts.units.it/dspace/bitstream/.../1/20Straniero.pdf